

OS SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS PELAS CRIANÇAS A PARTIR DE PRÁTICAS LITERÁRIAS VIVENCIADAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Helen da Silva Escansette - UNIRIO
helenescansette@hotmail.com

Resumo: O presente relato de experiência pretende compartilhar os resultados e as reflexões sobre o Projeto de leitura e escrita intitulado “Memórias e mais memórias”, realizado com alunos do quinto ano do Ensino Fundamental da Escola Dinâmica do Ensino Moderno (EDEM), situada no Rio de Janeiro. A partir da leitura e comentários sobre o livro “O menino no Espelho”, de Fernando Sabino, os alunos trocaram suas vivências que se transformaram em experiências, quando compartilhadas no grupo, nas diferentes formas de linguagem. O Projeto resultou numa importante autonomia das crianças, no que diz respeito à produção de textos de autoria: escreveram seu livro de memórias. Aprenderam gramática sem saber que estavam aprendendo, foram poetas sem pensar obrigatoriamente em versos, dialogaram com os leitores sem que eu os obrigasse a isso. Aprenderam uns com os outros através da linguagem e pela linguagem. Como afirma Bakhtin (1992), vivenciar diferentes contextos de enunciação e seus gêneros discursivos é ter acesso à universalização da cultura. Este acesso só será possível através de práticas sociais em que as crianças de fato participem estimuladas a entrar no jogo das significações, ampliando suas experiências. Este trabalho possibilitou a formação de leitores e escritores, o uso da linguagem através de diferentes manifestações em todo o processo de construção de conhecimento e desdobrou-se em minha pesquisa no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), orientada pela doutora Maria Fernanda Resende Nunes. A pesquisa será do tipo etnográfica numa abordagem reflexiva no campo da Sociologia da Infância. Tem como foco a produção infantil a partir das práticas literárias vivenciadas no cotidiano escolar. Neste sentido, a pesquisa tem o objetivo de olhar a criança na dinâmica de sua constituição da subjetividade e a sua potencialidade de transformação do mundo.

Palavras-chave: Linguagem; Literatura; Gênero discursivo; Subjetividade;

O Projeto “Memórias e mais Memórias” teve como objetivo levar os alunos à produção de um livro de memórias, tecendo esta narrativa de episódios reais que foram significativos em suas vidas e imaginários, próprios da infância.

Através deste Projeto, as crianças além de expressarem seus desejos e fantasias através da linguagem poética, literária, também tiveram a oportunidade de conhecer as marcas do tipo de texto em estudo (romance) e ampliar seus conhecimentos sobre a língua escrita.

Durante este trabalho que desenvolvi com o 5º ano do Ensino Fundamental, antiga 4ª série, e que durou um trimestre, várias leituras foram realizadas pelos alunos, bem como muitos textos foram produzidos. Neste percurso, apresentei-os ao gênero Romance, “O menino no espelho”, de Fernando Sabino.

Além desta leitura, outras foram realizadas por mim e pelos alunos, nos momentos que intitulamos de “Ouvindo Histórias”, como: “Indez”, de Bartolomeu Campos Queiroz; “Memórias da ilha”, de Luciana Sandroni; “O mito da infância feliz”, de Fernando Sabino e várias auto-biografias de alunos da escola produzidas em anos anteriores. Os alunos também assistiram ao filme “A Guerra dos botões”, que retrata vários aspectos do universo infantil.

A partir da apresentação do livro, combinamos qual seria o produto final. A escolha foi unânime: um livro de memórias.

As etapas do Projeto foram pensadas junto com as crianças. O encontro com este gênero literário encantou os alunos. E, foi assim que tudo começou...

Uma vez por semana fazíamos uma roda de leitura na qual tecíamos comentários sobre esta narrativa mesclada de realidade e ficção.

Durante as rodas, os alunos puderam perceber as marcas deste gênero literário, comparando-o com outros já estudados, a identificação do realismo e da fantasia nos fatos relatados, os verbos que demonstram que a narrativa estava na primeira pessoa do discurso, a identificação das personagens (o “eu”/ protagonista e as secundárias), os indicadores de tempo (passagens do texto que aceleram e retardam a narrativa), a identificação do espaço físico e psicológico da narrativa e o prazer em rememorar episódios de suas histórias, como tão bem faz o autor/ protagonista da história.

Promovemos na Semana Literária da escola uma “Oficina” entre pais e alunos. O objetivo era que as crianças apresentassem o Projeto aos pais e os propusessem a rememorar, oralmente, para depois (no segundo momento da Oficina) registrar, junto com eles, pelo menos três episódios marcantes dos filhos quando menores, ou seja, do nascimento à idade atual. Foi uma interação emocionante. Pais entrelaçados pelos fios das histórias que eram dos filhos e, ao mesmo tempo, suas.

A cada semana o envolvimento de todos, inclusive dos pais, pelo o Projeto aumentava e, conseqüentemente, nossa interação.

Escolher, dentre vários episódios escritos pelos pais e filhos na Semana Literária, não foi nada fácil para as crianças. Decidimos pelo número de capítulos (três) que o Livro de Memórias poderia conter, em função do tempo que nos restava até o final do ano - algo que não agradou muito aos escritores.

Embora o sumário tenha sido definido por cada aluno, trocas de ideias foram constantes durante todo o processo de escrita.

O prólogo, foi a escrita que muito nos emocionou, pois as crianças se “transportaram” para a vida uterina até o nascimento e o epílogo deixou gostinho de “quero mais” tanto nos autores, quanto nos leitores.

A escrita dos capítulos foi realizada nos computadores da escola (sala de informática, biblioteca, sala da coordenação e /ou na própria casa dos alunos).

As revisões e correções foram baseadas nos critérios preestabelecidos pelos alunos e sob a minha orientação. Era comum encontrar observações escritas nos textos

em relação à clareza das ideias, pontuação, etc. A troca dos textos foi feita entre duplas que mudavam a cada semana.

Vários foram os livros que manusearam para a observação do local das ilustrações, o que contribuiu na definição do melhor espaço do livro onde as suas seriam produzidas.

Novamente os modelos observados nos livros serviram para enriquecer as ideias e aflorar ainda mais a criatividade que já borbulhava na turma.

O momento da escrita das dedicatórias foi especial. Fomos à biblioteca para ler algumas, contidas em vários livros. Esta visita os estimulou a trazerem de casa outros livros com dedicatórias que os agradaram. Resultado: a produção de autoria das dedicatórias foi imbuída de criatividade e afetividade.

A idealização da capa, a escolha da foto de quando eram menores, colada dentro de uma moldura na segunda folha do livro, ficaram por conta dos alunos.

Combinamos uma “tarde de autógrafos” para o lançamento dos livros. Os alunos elaboraram o convite destinado às famílias e a todos da escola.

A produção original ficou para os alunos e as cópias para o acervo da biblioteca. Foi uma linda e inesquecível tarde. Por isso, ofereci aos alunos um presente: uma poesia de minha autoria. Ela é pequena, mas o seu significado é grandioso:

MEMÓRIAS

Tardes gostosas e marcantes;
as colocações interessantes;
o saber, a busca de informações;
as trocas, o respeito, as emoções;

Realidade, fantasia e magia;
revisões, correções, autonomia;
lembranças, prazer e glórias;
nós, memórias e mais memórias.

Helen Escansette

É importante ressaltar que nós (eu e os alunos), lemos o livro compartilhando, deliciando todos os momentos de fantasia e realidade que o autor tão bem tece a sua narrativa. Embora não tenha escrito o meu livro de memórias, contei muito da minha história de vida a eles. Na minha escolaridade, não lembro de narrações deste gênero. Fazia redações com temas outros, mas contar ou escrever sobre o que brincava, pensava e sentia, era uma outra história, que só a mim pertencia.

Durante a leitura do livro fomos estabelecendo uma rede de cumplicidade. As vivências dos alunos se transformaram em experiências a partir do momento em que compartilharam as suas histórias.

Desta maneira, os dias se passavam e o trabalho se transformava numa grandiosidade porque a cumplicidade era mútua: eu e meus alunos, eles com seus pares, enfim, nos implicávamos numa história na qual nos respeitávamos, nos conhecíamos, nos divertíamos, aprendíamos uns com os outros através da linguagem e pela linguagem.

Compartilho com as ideias de Benjamin, pois se somos constituídos na e pela linguagem a partir das relações que estabelecemos com os outros, então a arte de contar e ouvir histórias que aconteceram conosco ou com os outros, possibilita que criemos nossa subjetividade. Porém, atualmente, o que se percebe no cotidiano escolar é que a vivência tomou conta da experiência. Segundo Walter Benjamin (1992), a vivência é individual, enquanto a experiência é coletiva e esta, afirma o autor, está em extinção. Desta maneira, devemos recolocar no cenário escolar as experiências.

Penso que esta experiência foi possível, dentre outros fatores, porque as crianças foram construindo significados a partir das práticas literárias que vivenciaram no cotidiano escolar. Este trabalho possibilitou a formação de leitores e escritores, o uso da linguagem através de diferentes manifestações em todo o processo de construção de conhecimento.

Concluo que, embora tenha trabalhado o Projeto com o propósito de formar bons leitores e escritores, por vários momentos realizei reflexões acerca do trabalho com as crianças e não sobre as crianças, vivenciando com elas este universo literário.

Afinal, este é o movimento do professor reflexivo como cita Donald Schön (1992). Sabendo que este movimento quando começa é ininterrupto, este trabalho desdobrou-se em minha pesquisa no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

A pesquisa será do tipo etnográfica numa abordagem reflexiva no campo da Sociologia da Infância. Terá como foco a produção infantil a partir das práticas literárias vivenciadas no cotidiano escolar. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo olhar a criança na dinâmica de sua constituição da subjetividade e a sua potencialidade de transformação do mundo.

Como afirma Menga Lüdke (1986), a pesquisa aproxima o educador de sua vida diária em qualquer âmbito em que ele atue a fim de enriquecer o seu trabalho. Ela traz consigo valores, princípios e a visão de mundo do pesquisador.

Neste sentido, esta pesquisa carrega meus valores sobre a importância de ser criança, de dar voz a elas, delas serem analisadas, entendidas, não somente pelos aspectos psicológicos e antropológicos, como também, através de uma abordagem reflexiva no campo sociológico, ou melhor, no campo da Sociologia da Infância.

Sendo assim, é importante criar espaço nas escolas para as narrativas, dando voz à criança. Mas, dar voz a ela significa sair do adultocentrismo, da relação educador/criança. É reconhecê-la como sujeitos de conhecimento, mesmo que os significados que ela atribui às suas experiências não sejam compatíveis com os que os adultos lhes atribui.

Como afirma Bakhtin (1992), vivenciar diferentes contextos de enunciação e seus gêneros discursivos é ter acesso à universalização da cultura. Contudo, este acesso só será possível através de práticas sociais em que as crianças de fato participem.

Aula de Português: tal sujeito, quais linguagens?

UESC
ILHÉUS
BAHIA
BRASIL

19 a 21
MAIO
2008

III Seminário
de Língua Portuguesa
e Ensino

I Colóquio
de Lingüística,
Discurso e
Identidade

Penso que a literatura deve ser utilizada na instituição escolar com a perspectiva de resgate à experiência, possibilitando às crianças aflorar seus sentimentos, brincar com os versos e palavras, ressignificar o que ouvem, veem e sentem, tratando a linguagem enquanto arte, trazendo para a cena as dimensões ética e estética da linguagem.

ANEXO A - Prólogo (livro de dois alunos)

Dentro do Ventre Materno

Ai! Ai! Eu adoro este lugar, é tão quentinho e aconchegante! Aqui eu tenho comida e bebida de graça. Deve ser melhor que o mundo lá fora. Por falar em comida, estou com uma fome! Vem miojo!

Agora que já comi, vou tirar uma soneca...Sabe,eu estou com tanta vontade de nascer!!

Bom, talvez isto aconteça amanhã...

Que Lugar Escuro

- Vai ser menina - disse vovô.

- Não, vai ser menino – dizia mamãe.

Ai! Não aguento mais essa briga da minha mãe com o meu avô paterno.

Olha, ele deu um chute!

Aqui é tão quentinho, tão gostoso, não quero sair daqui nunca.

Vai ser hoje - disse minha mãe!

E lá ia ela para o hospital. Mas nada! Eu não ia sair nunca daquele quentinho.

Será que já tenho irmão? Qual será o nome dele? Será...Será...

Acho que entrei num avião para o Brasil.

Vou dar uma olhada pelo umbigo da minha mãe.

Hum...Hum...Conseguí dar uma olhada no mundo.

Ah, mas como é belo o mundo! Mas, aqui, é mais quentinho.

ANEXO B – Parte do capítulo I (livro de um aluno)

O Nascimento e os Primeiros Dias em Casa

Dia 13/12/85, chegou a hora. Estou indo para o hospital de Juiz de Fora. A expectativa é grande. Minha mãe e meu pai estão nervosos e eu, com um pouco de medo.

Nós(eu e minha mãe), estamos indo para uma sala cheia de aparelhos.

Meu pai está sentado num banco lá fora.

**Não consigo sair!! E agora? Tem um troço de metal entrando aqui.
Ai, que cara feio! Quero ir lá para dentro de novo! Socorro! Socorro!
Mãe, o que está fazendo aqui? Ei, espere! Já estou aqui fora!
Que bom, lá vem o papai. Senta aqui, pai. Eu não quero sair daqui, nunca mais.
Para onde vocês estão me levando? Eu quero ficar junto com meus pais e não com estes pequeninos!!**

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988 a.
- _____. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1988 b.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica. Arte e Política**, São Paulo: Brasiliense, 1987 a.
- _____. **Obras Escolhidas II: Rua de mão única**, São Paulo: Brasiliense, 1987 b.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 1990.
- CADERNO CEDES. **Educação e sociedade. Sociologia da infância: Pesquisa com crianças**, V.26, n.91, Maio./ago.2005, p. 337-712.
- CORRÊA, M. L. Gonçalves e BOCH, F. (Org.) **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.
- CORSINO, Patrícia. **Infância, linguagem e letramento: educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado em Educação, PUC-Rio, 2003.
- CUNHA, Manuela e et alli. **Implicações éticas provenientes da utilização de crianças como sujeito de pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, nº 31, dez 1979, p.17-33.
- FERNANDES, Florestan, **As “trocinhas” do Bom Retiro**. IN: FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, p.153-246, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREITAS, M.T. **Para uma sociologia histórica da infância no Brasil**. In: FREITAS, M.T.(org.) **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001, p.11-18.
- JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Benjamin, Bakhtin e Vygotsky**. Campinas: Papyrus, 1994.
- _____. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M.T; KRAMER, S. e JOBIM e SOUZA, S. (org.) **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Ed.Cortez, 2003, p.72-94.
- JOBIM e SOUZA, Solange e CASTRO, Lúcia Rabello. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: **Psicologia Clínica**, PUC-Rio, Departamento de Psicologia, vol9, 1997/1998, p.83-116.
- KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças**. In: Caderno de Pesquisa: Fundação Carlos Chagas, nº 116.

Aula de Português: tal sujeito, quais linguagens?

UESC
ILHÉUS
BAHIA
BRASIL

19 a 21
MAIO
2008

III Seminário
de Língua Portuguesa
e Ensino

I Colóquio
de Linguística,
Discurso e
Identidade

_____. **Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin.**

1996, p.13/38.

_____; JOBIM e SOUZA, Solange (Org.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 1996.

_____; LEITE, M.I. **Infância e produção cultural.** Campinas: Papyrus, 1998.

_____. (Org.) **Infância: fios e desafios da pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1996.

LÜDKE, Menga e Marli E.D. A ANDRÉ. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** SP: EPU, 1986.

RIBES, Rita e Jobim e Souza Solange. Infância, conhecimento e contemporaneidade In: **Infância e Produção Cultural.** Campinas: Papyrus, 1998.

SCARPA, Regina. **Era assim, agora não...: Uma proposta de formação de professores leigos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p.33-40.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, p.121-132.

VIGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, Antônio Augusto e GALVÃO, Ana. **Leitura: práticas, impressos e letramentos.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.71-88.